



ASSINE

BATE-PAPO

BUSCA

E-MAIL

SAC

SHOPPING UOL

FOLHA DE S.PAULO | ÍNDICE GERAL



NOTÍCIAS AGORA.



São Paulo, segunda-feira, 25 de maio de 2009

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Réplica/teatro/"Liz"

Peça d'Os Satyros é mais do que metáfora sobre Cuba

ALBERTO GUZIK
ESPECIAL PARA A FOLHA

Luiz Fernando Ramos, professor, estuda o teatro há décadas, dá aulas, tem teses defendidas e trabalhos publicados. Está plenamente capacitado a exercer a crítica.

Não vou contestar nem polemizar com a análise que ele fez de "Liz", publicada na **Ilustrada** do dia 15/05. Aliás, no comentário, ele trata o espetáculo de modo muito positivo, apesar de lhe atribuir a cotação "regular". Julgo intrigante no texto de Ramos o fato de ele ver na peça do cubano Reinaldo Montero, que trata da Inglaterra do século 16 e do reinado de Elizabeth 1ª, apenas uma forma de o autor falar de Cuba e do regime castrista.

Tal leitura existe, claro. Mas considerá-la a única da peça é uma redução simplificadora. Em "Liz", Montero propõe uma análise do poder. Não há metáforas. Elizabeth não é uma máscara de Fidel. Nenhum personagem é alter ego de Che ou de Raul Castro.

O dramaturgo faz um discurso sobre a Inglaterra elizabetana. E defende uma tese: o grande artista da época não foi William Shakespeare, mas Christopher Marlowe. E Marlowe foi assassinado aos 28 anos devido a um complô imbecil para que fosse salva a vida de Walter Raleigh, favorito da rainha.

A peça se estrutura ao redor do caso Marlowe. Seu subtítulo é "Missa com Ilustrações para Christopher Marlowe".

O que fascina no texto de Montero -sua universalidade, a forma não territorial pela qual discute o poder- parece ao professor Ramos uma metáfora para que o autor fale de Cuba. Sim, ele fala de Cuba. E do Brasil, da Venezuela, da Inglaterra, dos EUA, de Israel, da Síria, do Irã, da China... "Liz" dissecou o exercício do poder.

Outro aspecto da obra de Montero é a relevante reflexão sobre as relações entre o poder real e os artistas. Ramos não menciona essa questão em sua crítica. E esse é o eixo da peça, sua medula. A peça de Montero não é panfletária. É

um exercício poético, erudito, sofisticado, cômico e cruel.

"Fale disto e não daquilo"

O professor Ramos conclui assim seu texto: "O espetáculo sugere que já estaria na hora de o teatro cubano deixar de falar de sua realidade local por meio de metáforas localizadas em reinos distantes e assumir seus demônios in loco, sem precisar de bodes expiatórios como uma rainha inglesa".

Essa observação expressa um juízo que o crítico dirige ao dramaturgo: fale disto e não daquilo. Mas e se o artista quis falar daquilo, e não disto?

Caso o professor Ramos fosse crítico à época, aconselharia Brecht a escrever sobre os conflitos da Alemanha em lugar da "Alma Boa de Setsuan"? Diria a Beckett para falar das turbulências da Irlanda em vez de criar certa peça que se passa numa encruzilhada ao centro da qual há uma árvore seca?

O tom normativo do conselho do crítico a Montero assusta. Conheço Luiz Fernando Ramos há muito tempo. Tenho certeza de que ele seria incapaz de desejar exercer censura estética sobre um projeto.

Mas aponta nessa direção o sumo de seu comentário sobre "Liz", por mais simpática e positiva que seja a forma como registra a peça d'Os Satyros.

ALBERTO GUZIK é ator, escritor, professor, crítico e integra a Cia. Os Satyros

LIZ

Quando: sex. a dom., às 21h30; até 31/5

Onde: Sesc Av. Paulista (av. Paulista, 119, tel. 0/xx/11/3179-3700)

Quanto: de R\$ 5 a R\$ 20

Classificação: 18 anos

Texto Anterior: [Por que ver?](#)

Próximo Texto: [Show cerca Rei de suas "caras-metades"](#)

[Índice](#)

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Folhapress](#).